



PAIVA, Kelen Benfenatti. **Minas em versos**. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, Julho 2011. ISSN: 1980-2552. [<http://www.revistadiadorim.letas.ufrj.br>]

MINAS EM VERSOS

Kelen Benfenatti Paiva*

RESUMO

O artigo discute a presença de Minas Gerais nos versos de Henriqueta Lisboa. A partir da leitura de sua obra, é possível afirmar que Minas Gerais é recriada nos versos da poeta e ocupa lugar de destaque entre suas temáticas preferidas, como bem mostram três de seus livros, nos quais volta seu olhar a Minas para contar em versos a sua história: *Madrinha Lua*, publicado em 1952; *Montanha viva – Caraça*, em 1959; e *Belo Horizonte – bem querer*, em 1972. Há ainda referências a Minas em outros momentos de sua obra, compondo uma significativa tradução em imagens poéticas das riquezas culturais e geográficas de sua terra natal e reafirmando, em sua prática literária, o que declarou em entrevista: “Eu só poderia ter nascido em Minas. Caso contrário, sairia andando pelo Brasil até encontrar o meu berço”.

PALAVRAS-CHAVE: Henriqueta Lisboa, poesia, Minas Gerais.

ABSTRACT

This article discusses the presence of Minas Gerais in the verses written by Henriqueta Lisboa. Minas is recreated in the poet's verses in three books: *Madrinha Lua* (1952), *Montanha viva – Caraça* (1959), *Belo Horizonte – bem querer* (1972). The poet expresses in poetic imagery the geographical and cultural riches of her homeland, reaffirming, in her literary practice, why she could only have been born in Minas.

KEYWORDS: Henriqueta Lisboa, poetry, Minas Gerais.

*Doutoranda em Estudos Literários – UFMG

Eu só poderia ter nascido em Minas. Caso contrário, sairia andando pelo Brasil até encontrar o meu berço. Henriqueta Lisboa, “Henriqueta Lisboa: unida aos homens e a Deus pela poesia”.

A epígrafe supracitada é parte de uma entrevista dada por Henriqueta Lisboa a Edla Van Steen um ano antes de sua morte, em 1984. Nela, a escritora confessa seu amor a sua terra natal, numa atitude de reafirmação do que se pode chamar a mítica da mineiridade, repetida por muitos mineiros. Nascida em Lambari, em 1901, a poeta viveu a maior parte de seus dias em Belo Horizonte¹ e sua ligação com Minas ultrapassa as raízes da naturalidade, permeando seus versos em diferentes momentos de sua produção poética. Tal evidência se mostra pelos três livros em que a temática é recorrente: *Madrinha Lua*, publicado em 1952; *Montanha viva – Caraça*, em 1959; e *Belo Horizonte – bem querer*, em 1972.

Nos três casos, observa-se uma valorização da tradição, dos costumes, da história de Minas Gerais, além da recriação de retratos de algumas de suas ilustres personagens. Povoam a Minas de seus versos Bárbara Heliadora, Aleijadinho, Tiradentes, D. Silvério, Fernão Dias, Chico Rei, ou ainda as figuras dos profetas eternizadas em pedra-sabão, entre outros ícones da cultura mineira². A escritora compõe ainda uma significativa tradução, em imagens poéticas, das riquezas geográficas de seu estado por meio da descrição das cidades mineiras, tendo ressaltado suas principais características. Assim o faz com Ouro Preto, Mariana, Belo Horizonte e também com o Caraça, que surge em *Montanha viva* personificado desde o título do livro até a forma como o local vai sendo delineado aos olhos do leitor.

Seus versos dedicados a Minas lhe renderam elogios e premiações, como se observa no caso de *Madrinha Lua*, que recebeu o prêmio de melhor livro de poesia de 1952 da Câmara Brasileira do Livro. Sobre o livro nota-se, pelas notícias veiculadas na imprensa da época, o elogio aos versos da poeta e à sua capacidade de recriar a história de Minas. Elogio que fica evidente no parecer da comissão julgadora do concurso:

Com seus romances do Aleijadinho, com sua atmosfera de igreja e seus poemas em louvor dos profetas esculpidos adquirem os versos, mercê desta contaminação com elementos de pedra-sabão, buril ou escopro, um caráter que chega a ser escultórico.

1. Viveu a infância em Lambari, a adolescência em Campanha e também viveu onze anos no Rio de Janeiro, onde publicou seus primeiros textos nas revistas Fonfon e Para todos, publicando ali também Fogo fátuo (1925) e Enternecimento (1929), antes de mudar-se para Belo Horizonte, em 1935.

2. Quatro poemas foram acrescentados em *Madrinha Lua* na edição de Obras completas, em 1985: “Discurso para Santos Dumont”, “Elegia de Mariana”, “Lenda de Acaiaca” e “Romance do cavaleiro de prata”.

Justificando provavelmente uma das múltiplas definições de poesia, desta vez a de um Stephen Spender, para quem o poema é uma “estátua que fala” (Mendes, 1952).

Sobre o livro, a autora declara: *Madrinha Lua* é um livro cem por cento mineiro. “Todas as poesias ali contidas são inspiradas em coisas daqui.” “[...] É um livro todo inspirado na História de Minas, em assuntos mineiros folclóricos”. Ele “rompe as cadeias do egocentrismo” em um momento em que a “poesia sofre as consequências de um individualismo exacerbado” (Lisboa, 1952).

A autora propõe-se a preservar o patrimônio histórico mineiro, em uma espécie de arquivamento, via poesia, da história de Minas e de suas personagens. Para tanto, valeu-se de uma intensa pesquisa que considerou, além de fontes históricas oficiais, narrativas como as lendas, que parecem constituir, para ela, uma maneira de recuperar e explicar a História. Talvez por isso seu interesse pelo folclore, pela cultura popular, como forma de abordar a multiplicidade de vozes do passado.

O interesse de Henriqueta por fatos históricos e pelas lendas se mostra ainda nos títulos de sua biblioteca, em textos que escreveu e publicou em periódicos ou ainda em anotações feitas por ela que hoje se encontram em seu arquivo, no Acervo de Escritores Mineiros. Registro desse interesse pode ser observado, por exemplo, na composição do poema “Elegia a Mariana”. Em anotações, a autora afirma estar relendo trechos de *Lendas marianenses* e examinando livros da História de Minas e da Arquidiocese de Mariana com a finalidade de aproveitá-los como sugestão para compor o poema.

Com a mesma dedicação, volta-se à reconstrução das personagens históricas, que são presentificadas em seus versos com dramaticidade e riqueza de imagens. Assim, a vida de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, é retratada com ênfase na dor e no sofrimento do artista:

Os grossos lábios murmuram
Secos, gretados de terra.
Tateiam os olhos cegos
As moedas falsas da luz
Estende os braços, estende-os,
Não tem mãos para sentir
A carnadura de estrelas
De sua pedra vencida.
E anseia substâncias plásticas
Sob dedos renascidos.
[...]

Mãos compassivas depõem
 No peito coberto de úlceras,
 Restos do sagrado livro.
 - Sobre meu corpo, ó Senhor,
 Põe teus divinos pés.

O moribundo sem força
 Move os lábios num sussurro.

E da distância dos séculos
 Anjos e virgens o escutam.

(1985, p. 207).

Henriqueta canta, nesses versos, o trágico fim do artista, a doença que o privou dos pés e das mãos, sem, contudo, tirar-lhe o desejo de criar. A súplica do artista pela volta da mobilidade é bem representada pelo pedido dos divinos pés. A poeta registra ainda elementos presentes na biografia do mineiro, que é constituída em grande parte por relatos orais. O “herói” se configura aqui como uma espécie de Cristo, imolado e que se sacrifica em prol da salvação da arte.

A construção poética de Minas se dá com ênfase no imaginário coletivo sobre seus vultos. A ideia de herói sacrificado aparece ainda em “Vida, paixão e morte do Tiradentes”, presente no título do poema e em seus versos: “Veio a tempestade, o incêndio/ a derrubada de troncos./ Vai-se consumando aos poucos/ o holocausto do cordeiro” (1985, p. 223).

Anos mais tarde, Henriqueta novamente volta a cantar Minas em seus versos, agora com o olhar direcionado à história do Caraça. Sobre o livro *Montanha viva – Caraça*, a autora guardou em seu arquivo notas publicadas na imprensa e cartas enviadas por seus correspondentes. Destas últimas, podem-se destacar as palavras de Alphonsus de Guimaraens Filho, em 10 de junho de 1959:

O Caraça saiu dessas páginas transfigurado pelo sopro miraculoso da poesia e preservando no que tem ele de imperecível ou serenamente. E você apresentou, com Montanha viva, mais uma extraordinária criação artística, ao número daquelas

como as de Madrinha Lua – que representam contribuição inestimável ao culto dos valores autênticos da História, ao patrimônio vivo [...].³

Ou ainda as considerações de Murilo Mendes, em carta de 29 de maio de 1961, ao parabenizar a poeta pelo novo livro: “Admiramos sua coragem de consagrar, numa hora como esta, um livro inteiro a temas nitidamente cristãos, empenhando sua rara sensibilidade de mulher e de poeta”⁴.

Em Montanha viva, os versos se põem a serviço de contar a história do Caraça desde sua fundação, os mistérios da vida de seu fundador, Irmão Lourenço, sua morte, sua vocação, seus planos e desejos, a construção da primitiva Igreja, “a fina joia colonial” e, mais tarde, a edificação do “majestoso templo gótico” e a chegada dos livros para formar a preciosa biblioteca do Caraça. Reconta as liturgias da igreja católica em poemas como “O coro”, “Procissão”, “Romaria” e escolhe imagens bíblicas e vocábulos reconhecidamente ligados à cultura cristã para construir a imagem do Caraça, enfatizando o caráter de religiosidade enraigado na tradição mineira. A religiosidade permeia poemas como “A Igreja”, em que o humano e o divino se unem na edificação do templo:

Oito mil cruzados
Dão para o alicerce.
Oito escravos negros
Carregam as pedras.
Dezoito degraus
Plantam colunetas.

[...]

Anjos invisíveis
Trabalham na empresa:
Sobre o oceano, tensos fios se estendem
Por onde cortinas
De damasco chegam.
(1985, p. 291).

3. Carta de Alphonsus de Guimaraens Filho a Henriqueta Lisboa, datada de 10 de junho de 1959, arquivada na série correspondência pessoal, no arquivo de Henriqueta Lisboa, no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

4. Carta de Murilo Mendes a Henriqueta Lisboa, datada de 29 de maio de 1961. Arquivo de Henriqueta Lisboa, série correspondência pessoal.

O desejo de arquivar em versos essa história já se mostra na introdução do livro em que a escritora, em prosa, situa o Caraça geograficamente e contextualiza a fundação da primitiva Igreja e, mais tarde, do colégio em que estudaram importantes homens públicos e intelectuais, definindo o local como monumento histórico, santuário místico, fonte cultural de humanidades e ciências, campo de formação do corpo e do espírito, sementeira de paz e santidade. Assim descreve a formação do acervo, o “museu de maravilhas”, que pouco a pouco ia se compondo de obras raras, em sua maior parte vinda da Europa:

Os burrinhos

Os burrinhos orelhudos
Carregam livros no lombo.
Pela esquerda, de mistura,
Pendem dois grossos Camões.

Do outro lado se penduram
Infólios de São Jerônimo.
Os burrinhos orelhudos
Irmãos do asno de Balaam.

À conta dos pobres bichos
Por desfiladeiros hiantes
Sobem Homero e Virgílio
Para altíssimas estantes.
Sobem os mestres do estilo
Volumosos e triunfantes.
Dariam queixa os burrinhos
Se o anjo tivessem por diante.

(1985, p. 300).

Sobre o livro, Drummond publica uma crítica em 07 de julho de 1959, no *Correio da Manhã*:

Há vários livros sobre o Caraça, contando-lhe a história; este resume todos, na linguagem alusiva e imagística, que retira da montanha, da atmosfera e da tradição um princípio místico, manifestado em poesia. Quem for íntimo do Caraça há de maravilhar-se com a sutileza das notações e referências de Henriqueta Lisboa; e quem não o conhecer, e não for bronco, há de penetrar-se de seu conteúdo espiritual, por essa pintura aérea e nítida, em poucas palavras, do estabelecimento e da região onde ele se alteia (Apud Duarte, 2003, pp. 69-70)⁵.

É ainda de Drummond, no mesmo artigo, o testemunho da representação do Caraça no imaginário infantil do início do século XX:

Quando um dos meninos se excedia no mau comportamento ou trazia notas miseráveis da escola, os pais ameaçavam: “Se você continuar, vai para o Caraça”. Ir para o Caraça era a perspectiva mais negra de todas; o colégio ficava perdido numa serra distante, de abordagem áspera a lombo de burro; ninguém saberia fugir de lá e escapar com vida, por falta de recursos no caminho; a disciplina era severa, e sua fama inspirava terror, para agravá-la havia o fantasma do latim, que parecia ser a língua falada habitualmente naqueles pícaros; finalmente, o curso de seminário a que talvez nos compelissem, nos transformaria em padres, coisa que absolutamente não nos seduzia. Ir para o Caraça era o fim [...] (Apud Duarte, 2003, p. 68).

O poeta narra ainda o Caraça que conheceu, “já homem”, em sua visita como jornalista. Sua “biblioteca veneranda”, “sua excelente adega de vinhos da casa”, “o futebol com os alunos da Escola Apostólica”, o momentâneo desejo de largar tudo e ficar ali trabalhando em qualquer coisa simples e pacificadora.

Nos versos de Henriqueta, Drummond encontra um terceiro Caraça feito da “essência do antigo eremitério”, traduzido pela contemplação e pela meditação da poeta. É possível acrescentar às palavras do poeta que se trata de um Caraça recriado que traduz sensações vividas ou imaginadas, um encontro ou um reencontro com esse pedaço de Minas. Para essa recriação, Henriqueta bebeu em

.....
5. O texto foi publicado também com o título “Henriqueta e o Caraça” no Correio Paulistano, em 01 de agosto de 1959 e encontra-se reproduzido em DUARTE, Constância Lima. Remate de Males. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa. Campinas: Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, n. 23, 2003, pp. 68-70.

várias fontes, como bem mostram os títulos indicados pela autora na introdução “para mais amplo conhecimento do assunto”, a presença de alguns livros sobre o tema em sua biblioteca, a visita ao Caraça e o registro de fotografias do colégio e da serra do Caraça guardadas em seu arquivo.

Em 1972, Henriqueta volta a homenagear Minas em seus versos com *Belo Horizonte – bem querer*. Um “poema simples e carinhoso”, para usar suas palavras, que dedica à cidade em agradecimento ao título de “Cidadã Honorária de Belo Horizonte”, em 1969. Em vez de um habitual discurso de agradecimento na cerimônia de entrega do título, em 1972, Henriqueta lê os versos que fez sobre a cidade.

Trata-se de um longo poema seriado em vinte e oito partes, em que a história de Belo Horizonte é contada desde a chegada do bandeirante paulista João Leite da Silva Ortiz, que decide no Cercado, como era conhecido o local, lançar “a âncora /neste oceano de verdor/ por entre o granito e o mármore”. Pode-se afirmar que Henriqueta reconstrói essa história retratando simultaneamente as transformações espaciais do local, que vai se alargando pelas mãos dadas de “brancos pardos pretos índios”; as mudanças de nomes sofridas, Cercado, Curral Del Rei, Belo Horizonte; o crescimento econômico, presentificado na multiplicação de sementes, na fatura do pasto, no leite que “escorre em lua cheia”; e o trânsito de personagens históricas que foram agentes dessa história.

É interessante destacar como Henriqueta reconta metaforicamente a passagem do tempo e a pretensão de mudar a capital de Minas de Ouro Preto para Belo Horizonte:

A ideia veio de remotos
 tempos. A ideia veio vindo
 pingo de chuva na vidraça
 logo fios resvaladios
 embrião semente tenro broto
 palpitação de trepadeira
 para ganhar maior impulso
 - de outra feita alcançarei o voo
 e saltarei além do muro - .
 A ideia vem com pertinácia
 Recua avança mais um passo
 Às vezes tem eco à distância
 Rodopia a rosa dos ventos
 O sol que a doura é uma promessa
 E eis que um dia de verde luz

A ideia é uma corola aberta:

A Capitania de Minas
Deve ter nova Capital.

(1972, p. 42).

A cultura religiosa mineira também é retratada seja pela construção da primeira capela, o santuário de Nossa Senhora da Boa Viagem, que “Do alto a lua com o véu solto/veste a igrejinha de noiva” (1972, p. 18), ou da capelinha de Santana.

A cidade retratada em quase todo o poema é a do passado, exaltada por meio do esforço dos responsáveis por sua construção, de sua geografia, de suas riquezas naturais e construídas pela mão humana. Contudo, no final do poema, configura-se “Uma cidade que sobe dos prados/para o lombo das serras”; uma cidade de “Palácios presídios/asfalto/cavernas/elevados e subterrâneos/teia de virtudes e crimes”; uma cidade que “É um ser total de osso e carne,/tem nervos, músculos e sangue:/o sangue de seus habitantes/os nervos de seus habitantes/a própria força e fraqueza”; uma cidade que “Cresce das mãos dos operários/canta pelo timbre dos poetas/define-se no porte dos guias/espairece no afã dos atletas/explode na estridência das máquinas” (1972, pp. 73- 74).

Com *Belo Horizonte – bem querer*, Henriqueta reafirma para os leitores seu interesse pela história de Minas, além de revelar parte importante de seu processo de criação poética: a pesquisa minuciosa e as várias leituras a partir do tema que se propunha como *leitmotiv* poético. A autora completa com esse livro o rol dos títulos dedicados a Minas, mas não encerra, contudo, sua poesia entre montanhas. Afinal, “Minas são muitas”, como bem afirmou Guimarães Rosa, e as cantadas por Henriqueta também o são: Minas lendária, Minas histórica, Minas festiva, Minas religiosa, Minas melancólica, Minas imaginada.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Imagens de montanha – Henriqueta e o Caraça”. In: DUARTE, Constância Lima. *Remate de Males*. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa. Campinas: Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, n. 23, 2003, pp. 68-70.

DUARTE, Constância Lima. *Remate de Males*. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Henriqueta Lisboa. Campinas: Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, n. 23, 2003.

FUNDOS DOCUMENTAIS de Henriqueta Lisboa. Acervo de Escritores Mineiros, UFMG.

LISBOA, Henriqueta. *Belo Horizonte – bem querer*. Belo Horizonte: EDDAL, 1972.

_____. *Obras completas – I. Poesia geral (1929-1983)*. São Paulo: Duas Cidades, 1985.

_____. “Henriqueta Lisboa fala à Gazeta”. *A Gazeta*, 27 de dezembro de 1952.

_____. “Henriqueta Lisboa: unida aos homens e a Deus pela poesia”. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 5 mai. 1984. Caderno de Programas e Leituras. p. 4. *Minas Gerais*. Suplemento Literário. Belo Horizonte, jul. 1984. pp. 6-7. Entrevista concedida a Edla Van Steen.

MENDES, Oscar. “No mundo dos livros”. *O Diário*, 16 de dez. de 1952.